



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA
04 a 06 de setembro de 2023
Instituto Federal do Espírito Santo
Vitória-ES

Corpos que (re)existem transformam o Ensino de Matemática

Jéssica Maria Oliveira de Luna¹

Este trabalho traz um breve recorte de uma tese do Programa de Ensino de Matemática da UFRJ, cujo objetivo foi analisar percursos formativos de licenciandas em matemática sob a perspectiva histórica do apagamento das mulheres nessa área e das epistemologias feministas. A pesquisa se embasa em abordagens feministas que exploram as múltiplas facetas da experiência feminina em diferentes contextos. São discutidos temas como a presença das mulheres na matemática em um contexto predominantemente eurocêntrico, o desenvolvimento da educação feminina e como essa perspectiva tem historicamente contribuído para a marginalização de determinados espaços, conforme definido pelas estruturas cispatriarcais. Nessa síntese, para proporcionar uma discussão sucinta, foram selecionados dois eixos de análise denominados "Práticas docentes que promovem a inclusão de mulheres na matemática" e "A matemática como um ambiente masculino e as práticas docentes feministas e plurais em matemática". Esses eixos foram construídos com base nas narrativas de Luma e Lueji, mulheres com corpos plurais, nos quais elas tratam sobre perspectivas de ensino da matemática. Além disso, é realizada uma reflexão teórica fundamentada nas teorias dos corpos, do feminismo e da decolonialidade. Os resultados apontam para um processo de transformação no ensino de matemática, reconhecendo que corpos dissidentes ensinam por meio de suas resistências, transgressões e intervenções, contribuindo para a promoção da igualdade e da justiça social. Dessa maneira, podemos afirmar que a ideia de neutralidade no ensino da matemática é uma ilusão. A matemática, assim como qualquer campo do conhecimento, está intrinsecamente entrelaçada com perspectivas para além das visões culturais, históricas e sociais. Não existe um ponto de partida neutro ou uma abordagem objetivamente imparcial quando se trata de ensinar matemática.

Palavras-chave: corpos, mulheres trans, mulheres negras, ensino de matemática, decolonialidade.

Matemática para quem?

“Eu quero cantar até o fim
Me deixem cantar até o fim
Até o fim eu vou cantar
Eu vou cantar até o fim
Eu sou mulher do fim do mundo.”

Elza Soares

Em 2015, nossa grande Elza revelou nessa música uma existência de resistência, com fortes marcas sociais que recaíram sobre sua negritude, sua feminilidade e maternidade. Foi nessa obra que ela revelou uma vida de muita luta e dureza que não foi capaz de fazê-la desistir de cantar. Falamos aqui de uma mulher preta que fez história na música e que foi

¹ Secretaria Municipal de Duque de Caxias - jessicamluna@gmail.com



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

inspiração para outras mulheres pretas tomarem o palco da vida e fazerem as suas histórias. Representatividade.

Elza cantora, mas temos ‘Elzas’ professoras de matemática que também estão tomando espaços e ressignificando o ensino desse conhecimento. Para falar um pouco delas aqui, trago um recorte de uma pesquisa realizada no Programa de Ensino e História de Matemática e Física proveniente da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A tese analisa os percursos formativos de licenciandas em matemática sob a perspectiva histórica do apagamento das mulheres nessa área e das epistemologias feministas.

A intenção desse trabalho é trazer um breve recorte dessa tese, revelando que existe, sim, a transformação no ensino da matemática por corpos plurais e políticos. Podemos afirmar que a pretensão de decolonizar o ensino já deu partida, trazendo novos parâmetros e perspectivas relevantes para o processo de aprendizagem na educação brasileira. Reafirmamos que se trata de um resultado positivo vinculado às perspectivas da justiça social.

Quem são essas pessoas que transformam?

Inicialmente, nas pesquisas, foi questionado o lugar da mulher nas ciências duras e, dentre elas, na matemática. Contudo, no tocante ao ensino, tal apontamento veio a ser levantado com o fortalecimento da Educação Matemática como área.

No documento da UNESCO, há menção sobre o desempenho de mulheres e meninas em carreiras STEM que revela que os obstáculos estão inseridos nos contextos socioculturais, abarcando responsabilidades domésticas e de cuidado, gravidez e casamento, família, segurança na circulação para a escola e violência escolar. Também fala que as diferenças de gênero nascem na Educação Infantil por meio das brincadeiras, deixando meninas em lugares subalternizados quando se trata de ciências e matemática. A consequência disso, segundo o documento, é o distanciamento da área no ensino médio, tornando a matemática um área masculinizada. No nível superior, essa diferença acentua-se visivelmente pois, o relatório evidencia que no mundo inteiro, apenas 35% das mulheres se encontram cursando áreas STEM.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

No decorrer do documento, é visível o entendimento de que o ensino da matemática influencia nas escolhas das meninas para atuar nessas carreiras, mostrando enfaticamente que o ensino se torna responsável pela desigualdade que insiste em existir nos lugares ocupados ou que serão ocupados por mulheres nessas áreas.

Mas de que ensino de matemática estamos falando?

Giraldo e Fernandes (2019) dissertaram em seu artigo sobre o processo de colonialidade, denunciando uma matemática nos moldes hegemônicos que fazem parte da formação dos professores de matemática e, conseqüentemente, no ensino da escola, imperando como um conhecimento científico soberano que é transmitido nas Universidades, diminuindo o papel da matemática escolar, subalternizando-a. O ensino da matemática encontra-se vinculado aos interesses eurocêntricos e hegemônicos, estabelecendo lugares de poder dentro de um sistema neoliberal.

Nesse sentido, há de estabelecer os papéis daqueles que são interessantes representá-la: homem, branco, hetero. É nas séries de TV que essa figura traz a ideia de quem pode estudar e fazer matemática, demonstrando sua respectiva genialidade.

Os processos escolares e formativos vinculados à matemática são caracterizados por uma cultura de ensino de matemática marcada pela identificação dos mais capazes ou mais inteligentes e pela separação desses daqueles considerados fracos ou atrasados (GIRALDO, 2018). Além disso, essa noção de “inteligência” é determinada por racionalidades hegemônicas, segundo as quais o estereótipo de genialidade matemática está associado a corpos de homens, brancos, europeus, heterossexuais e cisgêneros. (GIRALDO; FERNANDES, 2019, p.489)

Contudo, dentro da Educação Matemática encontramos os corpos que vão na contramão da intencionalidade aqui exposta e que trazem à luz (de fato) as sabedorias que foram classificadas como “inferiores” e “primitivas”, transformando o processo de ensino e tornando-o mais acessível e justo para aqueles que foram considerados “incapazes” de lidar com a matemática.

Assim, a matemática aparece com uma construção epistemológica e acadêmica oriunda do conhecimento eurocêntrico e branco, orientada por uma superioridade étnica e cognitiva do colonizador em relação ao colonizado, desprezando outras orientações afora



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

desse arcabouço. Jaqueline de Jesus (2014) fala que o conhecimento é construído de acordo com seu tempo histórico e, por essa questão, as oportunidades e condições são dadas aos discursos e aos saberes aceitos pelo tempo cronológico em que se encontram. O julgamento de valor temporal passa a validar quais práticas e quem pode ser real ou não para determinadas epistemologias.

Então corpos que resistem....

Falar de corpos não é apenas tratá-lo de forma orgânica e biológica. No conceito de Judith Butler (2019), corpos também se constituem para além das suas delimitações físicas munidos de movimentos próprios e externos. Para a estudiosa, corpos não devem ser pensados apenas como meras construções, pois estas parecem constitutivas, delineadas por restrições produtivas e regulatórias de gênero. No entanto, esse desenho recai não só nos corpos inteligíveis (esperados e aceitos socialmente) como também domina os corpos impensáveis/abjetos (discriminados que vivem às margens sociais).

Butler (2018) traz o sentido de corpos políticos, aqueles capazes de representar um coletivo na contramão das normas, condenados à precariedade imposta pelo poder hegemônico a fim de buscar seus direitos por meio de resistência. Nesse sentido, entendemos que professoras de matemática, além de mulheres, não se revestem somente com essa identidade. Encontramos nos espaços limitados, professoras de Matemática com corpos políticos que influenciam no processo de ensino, resignificando as salas de aula.

É fato que, hoje, mulheres pretas e/ou mulheres trans se encontram em nossas salas de aula. Na escola submissa ao poder normativo gera, por sua vez, violência e exclusão de corpos abjetos sejam de estudantes, sejam de docentes. Imbuída de colonialidades do saber “como as exotificações e utilizações colonialistas destas diversidades a partir de determinadas epistemologias que nos fazem, por vezes, ter abalada a confiança em suas relevâncias” (VERGUEIRO, 2016, p.78).

A binaridade de gênero exposta nas diferenças sexuais e a patologização de corpos, faz da Colonialidade de Gênero entendendo que



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. (LUGONES, 2014 apud NASCIMENTO 2021, p.163)

Como podemos observar, a colonialidade de gênero e a colonialidade do saber caminham juntas como forças de opressão e domínio sobre os corpos abjetos na área do Ensino de Matemática. Nesse sentido, há de refletirmos como tornar esse lugar diversificado e justo para todas, todes e todos. Vergueiro (2016) aponta a colonialidade do saber como parte de um sistema ocidental, munido de hierarquia epistêmica que exclui corpos não cisgêneros e não brancos. Para ela, o processo de ressignificação desses conhecimentos acadêmicos acontece por meio da decolonialidade.

Os enfrentamentos decoloniais, constituindo-se como elementos necessários ao desmantelamento destas normatividades, podem ocasionar re+definições epistemológicas que sejam (mais) relevantes a estas diversidades e inspirar corpos que foram invisibilizados a ocupar esses espaços. Propomos um ensino de matemática capaz de desconstruir narrativas que perpetuaram a cultura eurocêntrica, capaz de (re)construir currículos com perspectivas diversas que lidam com injustiças históricas a fim de reduzir o distanciamento das desigualdades de gênero e do saber, promovendo a igualdade, a inclusão e a justiça social.

Sobre os caminhos metodológicos da pesquisa.

O trabalho foi desenvolvido a partir de uma perspectiva feminista, que reconhece a importância de destacar aspectos relevantes para a compreensão de mulheridades diversas em constante transformação. Nesse sentido, a escolha da metodologia utilizada nesta pesquisa é fundamentada nessa abordagem, buscando analisar e interpretar os fenômenos considerando as questões de gênero e as relações de poder envolvidas.

É importante considerar a diversidade das experiências das mulheres e suas diferentes expressões de feminilidade. Reconhecer que mulheres negras e mulheres trans, por exemplo, vivenciam e expressam suas identidades de gênero de maneiras distintas das mulheres cis e brancas (NASCIMENTO, 2021).



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Daí, há de se reconhecer as mulheridades, ou seja, as múltiplas vivências e identidades das mulheres, levando em conta as particularidades das mulheres negras, mulheres trans e mulheres cis brancas, e a compreensão de que essas experiências podem variar significativamente.

Com base nas narrativas feministas como metodologia, a pesquisadora e a pesquisada tornam-se figuras centrais na geração de narrativas e na investigação, destacando a participação da pesquisadora e a impossibilidade de neutralidade em sua interpretação. Trata-se de indivíduos que geram narrativas críticas, científicas e causais. Não há unilateralidade entre o sujeito e o objeto (OLENSEN, 2016).

Assim, foram entrevistadas duas licenciandas em matemática, Luma e Lueji, que narraram sobre eixos temáticos que foram oferecidos, podendo dar a ordem que quiser e comentar livremente. Esse momento aconteceu no Google Meet e foi filmado visando a transcrição a ser realizada futuramente. Vale reforçar que Luma é mulher branca travesti e Lueji mulher negra cis, cada uma revestida com suas respectivas mulheridades, identidades e história.

As análises dessas narrativas tornaram sob o Método das Análises de Singularidade a Análises de Convergência, nas quais as primeiras se referem a dados individuais e as segundas aos dados que se encontraram em determinado tema, sendo que a convergência ocorre em relação aos temas de interesse compartilhados pelos participantes, mas não necessariamente em relação às suas concepções individuais sobre esses temas.

Para este trabalho, trago os depoimentos comuns que se referem às análises de convergência a respeito de como ensinar matemática.

Dados da pesquisa

Dos cinco eixos trabalhados na pesquisa, saliento aqui recortes dos eixos: “Práticas docentes que promovem a inclusão de mulheres na matemática” e “Matemática como lócus masculino e as práticas docentes feministas e plurais em matemática”.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

No primeiro eixo referenciado, as coautoras falam sobre as práticas dos seus respectivos docentes que visam promover a inclusão de mulheres na área da matemática. Em ambos os casos, observamos que o enfoque adotado foi a história da matemática. Isso nos levou a inferir que o desconhecimento acerca da participação das mulheres nessa disciplina é tão significativo que a história desempenha um papel crucial na sua recuperação no currículo. De fato, essa abordagem teve um impacto positivo tanto para Luma quanto para Lueji.

Primeiramente, Lueji fala de um professor que pertencia ao seu estágio docente.

Para não ser injusta, o estágio supervisionado faz parte da nossa formação docente. **Só consegui ter contato com esses temas dentro do estágio (...)** no oitavo ano com o professor X. **A gente fala sobre a mulher, experiências femininas, referências femininas e é legal, porque as aulas de matemática com esse tema têm me dado bastantes visões que eu não tinha antes e conhecimento que eu não tinha antes.** Então, são convidados que são trazidos para os alunos. Aulas que eles interferem com a esse tema e tem sido bastante proveitoso. **Só comecei a ver no estágio também *vidas negras e indígenas importam* na quarta-feira é... a gente faz segunda e quarta as aulas né... então um dia um tema com vozes femininas. Aí são trazidas mulheres na aula de matemática. O professor X em questão traz alguns pensamentos de mulheres na matemática como, por exemplo, o teorema de Tales. Numa aula dessas, se não me engano, ele falou que não era só Tales, mas houve uma contribuição de uma mulher, confesso que não lembro o nome, mas é bastante enriquecedor.** Na quarta-feira, como eu falei, *vidas negras e indígenas importam* **ele também traz essa intersecção desse assunto com a matemática,** mas assim.... não é todo mundo.

Um professor promove discussões sobre questões relacionadas às mulheres na matemática e dedica um dia de aula semanal chamado "Vidas Negras e Indígenas Importam". A prática desse professor, de acordo com Lueji, ampliou sua perspectiva e seu conhecimento sobre matemática. Abordar a presença das mulheres na história da matemática traz resultados positivos para a aprendizagem dos estudantes nessa disciplina, além de contribuir para desafiar o estereótipo masculino dominante e combater discriminações (MOURA, 2015).

Trabalhar com representatividade abre caminhos que desafiam os padrões dominantes do conhecimento acadêmico, como indicado por estudos como o de Rosenthal (2018). A maneira como os professores lidam e percebem seus alunos também influencia e molda suas trajetórias, formando concepções de masculinidade e feminilidade que servem como base para a aprendizagem da matemática (WALKERDINE, 2005).

Luma fala de suas professoras, mas também critica as licenciaturas:



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Eu costumo criticar o meu curso por achar que ele é muito voltado para o bacharel em matemática aplicada, apesar de que tem coisa outras disciplinas que a gente viu esse ano que mudou na nessa questão...disciplinas mais pedagógicas, voltadas para metodologia do ensino. Inclusive com a professora Z que traz muito questão do debate da diversidade. A gente conversa bastante, ela trouxe bastantes temas, trabalhos pra gente discutir como que é a relação da...(interrompe para buscar informações) apesar de que na turma...olha eu acho que só tem eu também de mulher, lembrei...percebi agora aqui...só tem eu de mulher e a professora (retoma)...que a gente discute. Ela já trouxe, inclusive, debate de mulheres e matemática e sua história para os meninos debaterem essa relação...né porque só fui perceber que eu era a única aluna depois disso pois o rosto de todo mundo ali no meu computador que é só uma mulher então é muito importante a situação que ela trouxe. Ela já traz outra questão...e ela sempre aborda porque ela traz a sua vivência dentro do curso de matemática. É uma das fundadoras do curso na instituição, ela foi uma das pessoas que pensou na proposta da criação do curso de licenciatura de matemática dentro do instituto e ela fala de toda a dificuldade, como foi apresentar isso e depois outras pessoas se apropriarem da ideia dela e de tudo que ela construiu simplesmente por ela ser a única mulher do departamento de matemática, o maior departamento da instituição. Então ela traz o relato dela das dificuldades dela e depois ela trouxe o debate para que a gente fizesse essas relações. Inclusive, experiências da nossa vida na época de ensino médio de ensino básico e de como era a relação com as professoras mulheres de matemática. Assim...nessa disciplina eu sei que a gente teve essa abordagem, mas eu já passei por outras disciplinas que a gente discutiu, além de trajeto sociais, a gente tinha que trazer um projeto voltado para educação e eu lembro que um dos que ela propôs foi a questão das mulheres dentro Matemática, um projeto que incentivasse as mulheres não na matemática, mas nas exatas.

A professora de Luma tem uma trajetória marcada pela resistência como mulher e professora de matemática dentro da instituição, e essa experiência influencia diretamente sua prática docente ao abordar a temática das mulheres em sala de aula. É importante destacar que sua abordagem não se trata de construir uma "matemática feminina", embora essa possibilidade seja desejável em alguns casos. O objetivo principal é subverter a posição que ela ocupa dentro do ambiente acadêmico, desafiando os estereótipos que historicamente foram associados às mulheres nesse campo (WALKERDINE, 2005).

As práticas mencionadas foram extremamente positivas tanto para as colaboradoras quanto para suas turmas. Mesmo em meio à pandemia e com o ensino à distância, os dois docentes conseguiram sensibilizar seus alunos por meio de visitas virtuais de mulheres inspiradoras e discussões sobre suas contribuições como formas de resistência, além das questões históricas relacionadas à matemática. Essas abordagens permitiram que as alunas em formação se sentissem representadas e confortáveis, e isso se refletiu diretamente em seus processos de aprendizagem.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

No segundo eixo, ressaltos os pontos mais marcantes. As colaboradoras expressam ideias plurais que permeiam suas práticas docentes, refletindo a diversidade e as subjetividades que as compõem enquanto corpos políticos que estão intrinsecamente presentes, contribuindo para uma abordagem inclusiva e crítica da matemática.

Lueji traz como narrativa

Eu vejo o mulherismo africano como uma filosofia de vida mais do que com uma outra. Aí se eu vou colocar isso dentro da sala de aula, eu posso tentar trazer o feminismo negro. Eu não preciso, de fato, me declarar tal coisa para fazer, o que eu posso tentar dizer é que eu sou dessa forma... sou mulherista africana. Por exemplo, no espaço em quem não estiver discutindo sobre isso, mas quando estou dentro de sala de aula, eu posso atuar assim como uma pessoa feminista, uma pessoa que é feminista negra, uma pessoa mulherista.

Consigo fazer interseções com mulheres e ensino da matemática. Eu posso fazer links com o mulherismo africano, porque está mais para uma questão filosófica do que outra coisa. Por exemplo, a gente foi estudar... não lembro se foi semelhança de triângulos e Teorema de Tales... aí gente, não lembro... tem a maior questão de herança histórica africana com relação a isso que é o Egito né, com a África, não só isso, mas de reconhecer os saberes matemáticos que também são legítimos nascidos e desenvolvidos de alguma forma no continente africano. Entender que a mulher também é importante nesse processo de trazer esses saberes à tona agora, hoje em dia, que também foi importante no processo de desenvolvimento desses saberes... é só um apanhado de coisas porque, na verdade, na minha cabeça uma coisa linka com a outra. (...) entender com qual foi o papel das mulheres pretas dentro da Matemática ao longo da história é uma das coisas que eu tento trazer e que eu sempre coloco ali como um pitaco para poder trazer para a sala de aula, não somente no estágio, mas, enfim, trazer para os lugares.

A contribuição de Lueji para a abordagem da matemática nos traz reflexões sobre como as aulas estão enraizadas na colonialidade europeia, apresentando características marcantes que podem distanciar os estudantes da interação com a disciplina. Ela propõe uma abordagem que reconheça os "saberes matemáticos que também são legítimos e que têm origem e desenvolvimento no continente africano". Lueji faz referência à relação do Teorema de Tales com o Egito e destaca a importância do conhecimento matemático das mulheres negras. Essa abordagem inclui uma atenção especial aos atravessamentos com a História da África, sugerindo uma prática que vai contra o que é considerado "comum" em uma aula de matemática, permitindo uma maior conexão com a identidade negra (GONZALEZ, 2020).

Já Luma, trouxe sua contribuição relevante para a pesquisa da seguinte maneira.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Se você tem uma professora travesti, como eu já tentei fazer isso numa sala de aula, aplicar o conteúdo de matemática e ir embora...a gente, de fato, vive com aquelas pessoas que são muito jovens, pessoas que têm muitas curiosidades... **quando se deparam com uma diversidade, com a mulher travesti professora, então assim...eles me faziam perguntas que às vezes eu sabia responder e que às vezes não sabia responder... o que não estava dentro do contexto da Matemática, porém é importante que a gente possa relacionar essa questão de gênero com a matemática e a gente consegue muito, pois a matemática é muito contextualizada. Você fazer esses contextos e trazer esses contextos para essas questões de gênero é muito importante.** Quando você vai usar lá um problema matemático lá... que a Maria trabalha como Engenheira e coloca o João como costureiro... você de alguma forma tá ensinando para aqueles estudantes algo que não muito comum ...uma mulher engenheira e um homem costureiro... a não ser que seja um homem gay e se você consegue pontuar isso ainda seria muito mais interessante né. Bem que existe essa questão da escola sem partido que tenta de toda forma colocar todas essas suas ideologias nem qualquer coisa que você tente relacionar, acaba que eles confundem e criticam essa questão, mas eu acho que é muito tranquilo, é muito importante essa questão de gênero e matemática. A gente consegue fazer isso muito tranquilamente, basta a gente querer. Como eu disse, é muito difícil essa questão de pessoas ideológica, que eles dizem que existe, mas na verdade é uma ideologia que eles querem impor.

A compreensão de Luma em relação à matemática transcende as abordagens convencionais, pois ela reconhece que a matemática é profundamente contextualizada. Para Luma, é crucial trazer esses contextos para as discussões de gênero, pois trabalhar com gênero na Educação Matemática significa desafiar estereótipos, questionar posições estabelecidas e promover resistência para uma experiência matemática mais inclusiva (WALKERDINE, 2005). Luma sugere o uso de situações-problema como uma forma de abordar questões de gênero em sala de aula.

Em suas próprias palavras, Luma enfatiza que não se trata de impor uma ideologia na sala de aula, mas sim de reconhecer a existência de uma ideologia externa de opressão. Ao afirmar que "podemos fazer isso tranquilamente, basta querer", ela demonstra sua disposição em discutir questões de gênero na matemática e adotar uma abordagem inclusiva que valoriza as identidades de corpos dissidentes, desafiando as normas cisgêneras presentes no ambiente escolar. Essa abordagem é fundamentada nos princípios da Pedagogia da Desobediência, discutida por Odara (2021).

As ideias de ensino da matemática apresentadas por Luma refletem suas próprias vivências e experiências. Seu conhecimento foi construído a partir de uma prática pedagógica que não se baseia em padrões universais, mas sim desafia os saberes colonialistas eurocêntricos que têm dominado o ensino da matemática (PASSOS, 2022). Sua identidade



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

como pessoa travesti (ANDRADE, 2015) não é negligenciada em relação às normas hegemônicas da escola e da universidade. Luma propõe uma "travestilização" da educação, ou seja, uma transformação que permita que corpos plurais sejam acolhidos e libertos no processo educacional (ODARA, 2021). Sua convicção é proporcionar oportunidades de vida significativas para todas, todes e todos.

Considerações Finais

Ao analisarmos essas narrativas, fica evidente que não faz sentido tratar a matemática como um campo neutro, pois seus agentes são indivíduos dotados de subjetividades que influenciam sua forma de conceber e praticar a disciplina. Além disso, quando lidamos com corpos plurais e políticos, é de se esperar que esses agentes abordem a matemática de maneira comprometida com a inclusão e a justiça social.

Dessa forma, a Educação Matemática se fortalece ao contar com docentes que possuem vivências e perspectivas diversas, moldadas por histórias de opressão. Especificamente, mulheres que anteriormente foram excluídas, mas que hoje ocupam um espaço significativo e compartilham a linguagem da matemática de forma única, permeada por questões de inclusão e justiça social. Essas professoras trazem consigo uma abordagem transformadora que enriquece o ambiente educacional e promove uma educação matemática mais abrangente e equitativa.

É crucial ressaltar que as práticas docentes, ao abordarem a presença da mulher na matemática, não apenas acolhem as alunas, mas também as inspiram a se tornarem profissionais que transformam espaços, nutrem suas performances corporais, como discutido por Butler (2018), e desafiam ambientes masculinizados cis-heteronormativos. Essas são práticas que perturbam o Estado opressor, o Estado fascista. Conceder espaço a corpos políticos representa uma derrota para esse Estado. Portanto, é mais conveniente rotular essas práticas como "ideologia de gênero", por exemplo.

Podemos compreender que estamos diante de um ensino da matemática que passa por uma renovação, não se adequando mais às abordagens tradicionais, mas sim englobando debates amplos que incluam pessoas que vivem ou viveram à margem da sociedade. Isso é evidente nas experiências compartilhadas por Luma e Lueji, nas quais destacam a



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

importância das relações professor-aluna e como o processo de aprendizagem se tornou satisfatório e transformador para elas.

Vale lembrar que as práticas docentes mencionadas surgiram de iniciativas individuais, sem uma preocupação correspondente por parte das instituições de ensino ou dos currículos em atender às necessidades específicas dessas estudantes. No entanto, é essencial reconhecer e valorizar essas ações profissionais como estímulos para serem replicados em outros contextos e até mesmo como objeto de estudo em programas de formação de professores. Sejam bem-vindas, “Elzas”!

Referências

ANDRADE, L. **Travestis na Escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política de ruas: Notas para uma teoria performativa de assembléia**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018.

_____. **Corpos que Importam: os limites discursivos do sexo...** 1 ed. São Paulo: Crocodilo, 2019.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

JESUS, J. Gênero sem essencialismo: Feminismo transgênero como crítica do sexo. **Revista Javeriana**, n.78, jul-dez, 2014, p. 241-257. Disponível em: [Redalyc.Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo](#). Acesso em 02/11/2021.

NASCIMENTO, L. **Transfeminismo**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaia, 2021.

ODARA, T. **Pedagogia da Desobediência: Travestilizando a Educação**. Salvador-BA: Editora Devires, 2020.

OLENSEN, V. Os feminismos e a pesquisa qualitativa nesse novo milênio. In: DENZIN, Normam K.; LINCOLN, Yvonna S.. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 219-257.

PASSOS, M.C. **Pedagogia das Travestilidades**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2022.

WALKERDINE, V. **Counting Girls Out**. Bristol: Usa Falmer Press, Taylor & Francis Inc, 2005.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES